

EDUARDO COELHO

Desafronta



LISBOA
1 9 3 5

RC
MNCT
34
COE

EDUARDO COELHO

Desafronta



BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

RC
HNCF
34
COE

LISBOA

1935

EDUARDO GONCALVES

Desafios

Fui atacado em público. Para lá me arrastou o Sr. Lopo de Carvalho (1). Ninguém se pode livrar de que lhe apareçam no caminho, a estorvar os passos, panfletários dêste estôfo. Trouxeram-me para a liça. Não podia fechar os olhos. Às blasfêmias e aos sarcasmos dos ataques que me dirigiu tive que opor em defesa verdades amargas. Só aos filósofos da velha Grécia era dado expor a verdade crua envolvida em fábulas ingénuas e em graciosas parábolas; e os médicos de Lucrecio juntavam o mel ao absinto para que tomassem esta bebida as crianças que eles tratavam. Eu tinha que escrever sem rodeios, provocado e atacado como fui na minha vida de trabalho, vida humilde, mas independente, que a ninguém deve o pouco que vale.

Tudo quanto nesta questão havia que dizer para me defender das suas afrontas estava na minha réplica. Nada mais precisava acrescentar.

Veio o Sr. Carvalho com segundo folheto. Não respondi. Vem com terceiro. Os termos que emprega, as deturpações que comete, os doestos que atira, tenho que esmagá-los.

Despiu a beca e vem para terreiro entreter o público, arrastado pela impulsão maniaca que tem de exteriorizar as suas vaidades agressivas pela via dos panfletos.

(1) Este Sr. Lopo de Carvalho será um sujeito chamado Fausto Lopo Patrício de Carvalho que, consoante se lê no «Diário de Notícias» de 13 do corrente, pág. 6, 2.^a coluna, **foi admitido a prestar provas no concurso para corretor de mercadorias**?

Na secretaria da Faculdade de Medicina não me souberam informar. Mas o mesmo jornal relata que a prova escrita se realiza na Direcção Geral do Comércio e Indústria no dia 6 de Abril, às 15 horas, e as orais nos dias 19 e 20 do mesmo mês, às 14 horas.

I

O homem dos folhetos e dos plágios

Não é por mim — afirma — que desceu à praça, mas pelas pessoas a quem eu dissera que o Sr. Carvalho tinha plagiado. «É que os juízos que os meus trabalhos mereçam ao Sr. Eduardo Coelho só me interessam pela impressão que de eles (*juízos ou trabalhos?*) fique nas pessoas...»

Depois de trasladado este passo para português escorreito, verificamos que em tão pouca conta tem os seus créditos que o apavora o conceito que dêle possam ter aquelas pessoas!

¿ Tratou porém de saber o juízo que a sua investida mereceu?

As causas são outras; as manhas e traças vêm de longe.

Em 1921, por que a Faculdade de Medicina de Lisboa o repele do seu grémio, fabrica dois folhetos e insulta-a na pessoa de um dos seus membros de maior prestígio — o Prof. Belo de Moraes. As injúrias que assacou ao Prof. Belo Moraes, acusando-o de votar no outro candidato por «*interesses de ordem material*», ninguém — colega ou discípulo de Belo Moraes — as poderá esquecer. Essas agressões definem moral e psiquicamente o Sr. Lopo de Carvalho.

¿ Apagaram-se os vestígios do atentado? Não, porque a obra figura na tabela das suas publicações a servir de mortalha a uma famosa lição sobre um tal Velhote da Ordem Terceira de S. Francisco...

Já em 1922, o meu curso caricaturava estas atitudes insensatas dos folhetos do Sr. Carvalho, na récita de despedida, à qual demos o seguinte título: *As danações do Fausto*. Spengler não tinha ainda assombrado o mundo intelectual com as suas doutrinas fantasistas das *idades fáusticas*...

Pois cabe-me a mim, de entre os do meu curso e treze anos depois da nossa récita, ter de recalcar as filáucias do Sr. Carvalho e rebater as «*danações do Fausto*».

O folhetista é ainda o que em 1921 — também noutro panfleto — estabelece a comparação entre as suas notas e as classificações de outro can-

didato, para concluir que era êle quem valia mais. A sua inteligência afe-
ria-a por pesos e medidas do seu proveito.

Quando um ministério democrático impõe este afamado alienista à
Faculdade de Medicina de Lisboa para sucessor do Prof. Júlio de Matos
na cadeira de Psiquiatria, a Faculdade fecha-lhe as portas. Diz-se que es-
creveu então outro folheto, o qual não chegou a vir a público.

Eis a história progressiva do homem que me assalta o caminho.

Não larga o vício dos folhetos. E estes vêm no coice dos outros.

Mas o Sr. Carvalho folheteiro que em 1921 insulta a Faculdade de
Medicina de Lisboa é o mesmo que em 1927 se retrata de tudo quanto
bolsou, diante dum prato de lentilhas. Obedeceu a uma condição imposta:
dar o dito por não dito.

Façamos a crónica deste caso de teratologia moral. Em Maio de
1921 refere-se desta maneira grosseira ao Prof. Belo Morais:

**« Na forma, porém, como aquele documento está redigido
(o relatório do Prof. Belo Morais) não transparecem êsses senti-
mentos de nobreza, por onde se aquilata o valor, a superioridade
e a dignidade dos homens, tão frizante é a falta de ciência,
de seriedade e dos mais elementares princípios de boa educa-
ção. »**

**« Revela, porém, uma tal ignorância sôbre as cambiantes destes sons
anormais, que nos deixa verdadeiramente assombrados, por não sabermos
se atribuir o facto à ignorância do mestre (*sic*) ou ao desejo de
enganar os colegas, que lhe confiaram o papel de relator. »**

**« Quem recorre a estes meios para a apreciação de um tra-
balho, mostra bem que lhe faltam razões e imparcial vontade
para fazer um juízo crítico que não envergonhe um professor ou
uma faculdade que o aceitou! »**

**« ...Quando apontarmos a mais clara manifestação da sua in-
desculpável ignorância. »**

**« Isto é o abc da auscultação e não pode admitir-se
que um estudante do 4.º ano médico o ignore, quanto
mais um professor de clinica duma das Faculdades de
Medicina do País, que, para cúmulo da sua ignorân-
cia, não hesita em afirmar... »**

**« Melhor fôra que S. Ex.ª se isolasse dentro da fama
do seu saber e não emitisse nem escrevesse sôbre assun-
tos que manifestamente ignora. A paixão e o propó-
sito firme de amesquinhar um colega levaram-no, con-
tudo, a deturpar lão levemente a verdade... »**

Êsses insultos dirigidos ao Prof. Belo Morais e à Faculdade de Medicina de Lisboa por ter aceitado o relatório dêste professor, constam do folheto — *Um concurso na Faculdade de Medicina de Lisboa* (1921).

No prefácio de um trabalho científico — « *Extrasistoles e taquicardia paroxística. Suas relações. Considerações sôbre um caso clínico* (1921) há ainda estas amostras :

« É que um professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, o Sr. Belo Morais, *amigo íntimo e companheiro de consultório do candidato mais votado, a quem o ligavam, portanto, interêsses de ordem material...* »

O professor Belo Morais não respondeu; tapou as orelhas aos doestos. Conhecia de sobra o insultador. Nem todo o adversário merece que se cruzem ferros com êle.

Pois bem, o Sr. Carvalho que, em dois folhetos, ataca e insulta por esta forma ignominiosa a Faculdade de Medicina de Lisboa e *especialmente* o Prof. Belo Morais, em 1921, é o mesmo que, seis anos decorridos, escreve o seguinte :

«... Tenho pelo conselho da Faculdade de Medicina de Lisboa o maior respeito e consideração. Se assim não fosse eu não teria a pretensão de a êle pertencer. **Especialmente**¹ pelo que diz respeito ao Sr. Professor Belo Morais devo sinceramente afirmar-lhe que algumas expressões minhas o terão magoado, filhas da excitação do momento, não correspondem por forma alguma aos **meus sentimentos de hoje**»¹ (Extracto de uma carta publicada no *Diário de Notícias*, no 21976, a 3 de Abril de 1927 — 1.^a página — 6.^a coluna).

Foi-lhe exigida a retratação em público, a trôco da entrada para a Faculdade. Fê-lo sem hesitar. Os *sentimentos* dêste homem variam consoante as ocasiões, dependem dos fins que pretende, oscilam como os valores mercantis da Bôlsa, variações ao alcance de qualquer corretor.

Estes factos que acabo de relatar e que são do domínio público (transcrevo, apenas), dão-nos a medida do que é e vale êste homem. Se dependesse de mim uma situação de destaque que o Sr. Carvalho cobiçasse, imediatamente viria afirmar em público, nos mesmos termos em que o fez, para o Prof. Belo Morais: « *Especialmente pelo que diz respeito ao Sr. Eduardo Coelho, devo sinceramente afirmar-lhe que algumas expressões minhas o terão magoado, filhas da excitação do momento, não correspondem por forma alguma aos meus sentimentos de hoje.* »

(1) O itálico é meu.

No segundo folheto continua a agarrar-se à memória para justificar os plágios. A memória tem outro préstimo que não o de plagiar. A memória é dinâmica, é creadora e serve, pelo contrário, para separar o que é nosso do que é dos outros. Confunde memória com ecoláia, com a faculdade de reproduzir o que tem nos discos e que foi lá impresso por outrem.

No terceiro folheto já não é à memória que atribue os plágios, é aos apontamentos que tira para elaborar os seus trabalhos. Afinal, os seus artigos são formados pelo conjunto dos apontamentos das diferentes monografias.

Que sou um medíocre tradutor, afirma, porque traduzo *planche anatomique* por *prancha anatómica*.

Ora, Caldas Aulette escreve: *prancha* — *papel em que se escreve*. E Domingos de Azevedo, no *Grande Dicionário Contemporâneo Francês-Português*, cujo valor Camilo, o mestre sem par da língua portuguesa, tanto realçou, traduz assim a palavra **planche**: *prancha, chapa de cobre ou madeira onde se fazem as gravuras, (E por extensão) lâmina, estampa de gravura*.

Afinal, o tradutor medíocre é o Sr. Carvalho. Tem à mão os *Dicionários do Povo*. São êles que o auxiliam nos plágios dos autores estrangeiros.

O folhetista que tão mal cuida do português, que o traz aos baldões nos folhetos e nos escritos scientifico-literários, o homem que escrevinha em *pretuguês* crava a unha nos meus plebeismos, ufano da sua escrita. Camilo tinha razão: « onde quer está um abismo, quando vocabulistas desta polpa se encarregam de almotaçar a língua da gente ».

Os folhetos vêm divertidos e regalam-nos com algumas frases e conceitos de ridículo e de pedantismo. Assim, ao plágio do Instituto Rocha Cabral chama-lhe *o aspecto mais acentuadamente literário da conferência*. Quer dizer, dar um aspecto literário a uma conferência é *plagiar outra conferência*. Numa conferência científica não há aspectos literários, há aspectos e conteúdos científicos, até quando se trata de um trabalho de vulgarização científica, como o Sr. Carvalho pretende denominar agora a sua conferência.

Mas ¿ sabe o leitor porque é que o Sr. Carvalho plagiou a conferência do Instituto Rocha Cabral, dando-lhe o tal aspecto acentuadamente literário? Não se acredita, mas está escrito:

« *Visto que falava numa casa cujo director, o professor Ferreira de Mira, iniciou (sic) uma conferência sobre a fisiologia das glândulas de secreção interna citando Galeno e onde o professor Marck Athias terminou uma outra sobre o sono hibernar, citando Aristóteles* » (pág. 8).

Ao topar com esta explicação rasgaram-se-me os zigomáticos.

Porque um colega falou em Galeno, o médico de Pérgamo, nas primeiras palavras de uma conferência sobre as glândulas de secreção interna, e um outro proferiu o nome de Aristóteles, o filósofo Stagirita, ao fechar

uma conferência sôbre o sono hibernal, teve o Sr. Carvalho que plagiar, quer dizer — servindo-me da sua expressão — dar um aspecto «acentuadamente literário» a uma conferência sôbre o Problema da Tuberculose!

Eis a justificação de uma cópia incessante!

Segundo o Sr. Carvalho, Galeno fez epopeias e odes Aristóteles!

Mais uma amostra da sua ignorância enciclopédica e das sandices que lhe golfam da cabeça. Falta-lhe a ilustração mais elementar. Um rapazinho do liceu não falaria com êste desembaraço *dos dois literatos*.

A gente está a ver o que se passou. Ao ouvir falar no Galeno e no Aristóteles perguntou de si para si: «¿Quem serão estes dois literatos? Aristóteles?! Galeno?! É cedo para falar dêles na minha conferência; o público que aqui vem dar-me-ia com o plágio; ficarão para um artigo sôbre a tuberculose.»

O seu espírito viveu momentos de tortura, até que o espectro do Augusto Rocha veio decidí-lo: «Olha, meu filho — afirmou o espectro — copia-me, plagia mais uma vez o meu discurso, e terás ensejo *de dar um aspecto literário* à tua conferência. Porque o meu discurso é bonito, bem o sabes». Assim falou a sombra e começou a ditar:

AUGUSTO ROCHA:

... e atinge, em breves dias, o seu período de fastígio.

Em breves dias atinge o fastígio da fúria.

Os óbitos começam a escassear; os ataques do mal tornam-se dia a dia mais raros.

Depois os ataques começam a diminuir, os óbitos a rarear.

...e tudo de novo entra na monótona rotina da vida quotidiana.

...tudo entra de novo na rotina da vida quotidiana.

...renascendo o sossêgo e a confiança, restabelecendo-se a paz, que apenas foram entrecortados por um curto, embora doloroso período de amarguras e de luto.

Renasce o sossêgo, restabelece-se a tranqüilidade e a confiança; os negócios retomam a sua marcha, entrecortados por um doloroso período de amarguras e de luta.

Os seus ataques são perma-

Os seus ataques são traiçoeiros e

nentes e imperturbáveis; a acção devastadora...

inesperados. A sua acção permanente e imperturbável...

Os seus ataques são traiçoeiros e inesperados...

Os seus ataques são traiçoeiros e inesperados.

Possue o dom da ubiqüidade.

Ela possui o dom da ubiqüidade.

É moléstia que abala uma família inteira, desarranjando por meses e anos as condições económicas... é moléstia que envolve no seu lúgubre manto...

Depois é moléstia que abala uma família inteira, que desarranja, por meses e anos, o seu viver económico, que envolve no seu lúgubre manto...

E o espectro continuou a ditar...

Quem plagiou a conferência da Sociedade de Geografia não foi o Sr. Carvalho: foi o redactor do *Diário de Notícias!*

Aqui foi o Sr. Carvalho quem invocou os manes de Augusto Rocha. Prostrou-se de joelhos e implorou, aflitivo: « Tu, amigo, que tanto me tens auxiliado, que me conduziste aos píncaros da produção literária, ajuda-me mais uma vez! Os portugueses são ingratos, esqueceram-te. Dos teus colegas, em Coimbra, só eu me lembro de ti. Mas diga-se a verdade: os meus louros pertencem-te. Presta-me mais este auxilio, e espero que não seja o último. Aparece ao redactor do *Diário de Notícias* e dita-lhe as tuas frases de efeito. Vai, não te demores, porque o jornal está a entrar na máquina. » E a alma penada foi e ditou:

AUGUSTO ROCHA:

A breve trecho, porém, a sua gravidade se atenua: os óbitos começam a escassear, os ataques do mal tornam-se de dia para dia mais raros...

... e, a pouco e pouco, tudo entra na monótona rotina da vida quotidiana, renascendo o sossêgo e a confiança, restabelecendo-se a tranqüilidade e

Em breves dias atinge o fastígio da fúria. O morticínio enche de pavor os vizinhos do sitio... Depois os ataques começam a diminuir, os óbitos a rarear; ao cabo de pouco tempo tudo entra de novo na rotina da vida quotidiana. Renasce o sossêgo; restabelece-se a tranqüilidade e a confiança; os negócios retomam a sua marcha entrecortada por um

a paz, que apenas foram entrecortadas por um curto, embora doloroso período de amarguras e de luto.»

Etc., etc.

doloroso período de amarguras e de luto.

Etc., etc.

Os manes de Augusto Rocha continuaram a falar ao redactor do *Diário de Notícias*...

Quem plagiou o cartaz afixado nas ruas de Lisboa, em 31 de Maio de 1931, não foi ele: foi o empregado da Assistência Nacional aos Tuberculosos!

O Director entregou-lhe os seus artigos sôbre a tuberculose e disse-lhe: «Tire daí o que melhor lhe pareça e faça um cartaz com êste titulo — *O problema da tuberculose.*»

O funcionário da Assistência tirou uma frase daqui, outra dali, compôs, recompôs e levou a produção ao chefe, para que visse se estava obra decente e digna do Sr. Presidente da Assistência Nacional aos Tuberculosos. Êste agarra no arranjo organizado pelo seu empregado e começa a ler:

AUGUSTO ROCHA:

«A ela se pode aplicar, com razão, o que já eloqüentemente foi dito a respeito da guerra: Nada está seguro; ninguém está seguro!

Abala uma família inteira, desarranjando por meses e anos as condições económicas do seu viver...

É moléstia que envolve no seu lúgubre manto...»

Relembra aquela síntese da guerra que gravou a golpes de buril o maior orador português: Nada está seguro; ninguém está seguro!

Depois é moléstia que abala uma família inteira, que desarranja por meses e anos o seu viver económico, que envolve no seu lúgubre manto...

E interrompe a leitura. Que estava obra perfeita, que o Sr. funcionário tinha dedo, que sabia escolher as frases de efeito. Sim, senhor, inteligente êste rapaz!

São desta forma elaborados os seus escritos. Acompanha-o sempre o espírito de Rocha. Êste *escritor de tesoura*, como se diz em gíria de redacção das gazetas, corta um pedaço de aqui, outro de acolá e é assim que lavra a sua prosa para os discursos, para as conferências, para os artigos...

Que não plagiou o Prof. Pulido Valente, diz ele. Que são duas pessoas com as mesmas ideias...

O sr. Carvalho deitou-se a escrever o relatório. Não tinha ideias pedagógicas, que não fôsem de disco. Faltou-lhe também o tal aspecto « literário », porque não sabe compor por si só o escrito mais rudimentar. E, então, como não havia no A. Rocha qualquer coisa que se adaptasse, deitou a mão ao relatório do Prof. Pulido Valente e pôs-se a copiar, como se fôra propriedade sua :

PROF. PULIDO VALENTE:

A verdadeira, a profíqua aprendizagem só pode ser realizada, colocando o aluno em contacto com o doente...»

É indispensável que tenham (esqueceu-se do sujeito!) a seu cargo durante todo o ano, numerosos exemplares clínicos para os interrogarem e observarem e que... façam as análises e as pesquisas triviais (*sic*) por forma a convencerem-se de que os conhecimentos da semiótica laboratorial devem constituir bagagem científica de todo o clínico para o exercício consciente da profissão.

É necessário, portanto, mostrar-lhes... uma colecção rica e variada de doentes em que se observem os aspectos clínicos mais diversos... em ordem (*sic!*) a que... lhes exista já gravada no espírito essa série de elementos essenciais (aqui trocou a ordem das palavras).

A verdadeira, a profíqua aprendizagem, só pode ser feita pelo aluno em contacto com o doente.

É indispensável que os estudantes tenham todo o ano doentes a seu cargo, os interroguem, observem, façam as pesquisas laboratoriais... ...de forma a convencer o aluno de que os conhecimentos laboratoriais estão ao alcance do clínico e são fundamentais para o exercício consciente da profissão.

É necessário mostrar aos alunos uma colecção rica e variada de doentes de forma a gravar-lhes perduravelmente no espírito as figuras centrais da vasta galeria de aspectos clínicos...

E continuou a copiar...

Não lhe bastava este plágio, porque no ano seguinte reincidiu. Uma vez copia de cima para baixo, outras vezes de baixo para cima, na in-

tenção de desorientar o leitor. Altera a ordem das frases e faz novos arranjos de períodos.

Transcreve a seu modo as frases dos artigos de Bigwood e de Labbé para insinuar que cometo fraude nas transcrições. A má fé chega a ser menor que a inconsciência.

Há aqui quem cometa fraudes? É o Sr. Carvalho, que faz nos folhetos as transcrições que lhe convém, pondo de parte os períodos que copiara.

Ora vamos ver mais algumas cópias e confrontar linha a linha.

LOPO DE CARVALHO: *A reserva alcalina na tuberculose pulmonar.* Lisboa Médica, vol. V, págs. 284 e segs.

MARCEL LABBÉ: *L'équilibre acide-base dans la physiologie et la pathologie.* Annales de Médecine, vol. XIX, pág. 338, 1926.

No decurso do metabolismo normal das gorduras e das albuminas, produzem-se substâncias ácidas, cuja existência é, porém, transitória, pois a breve trecho desaparecem completamente transformados em H_2O e CO_2 . Ora, em certos estados patológicos, como na diabetes e nas lesões graves do fígado, os ácidos cetónicos não são completamente destruídos; passam, pois, em quantidade maior ou menor para os humores, criando um estado de acidose. De começo, os rins eliminam uma grande parte e os bicarbonatos do sangue fixam o resto. A acidose é então compensada. Mais tarde a reserva alcalina acaba por se esgotar (*sic*). O organismo procura ainda reconstituí-la à custa de outras bases, mas chega um momento em que o desperdício destas é tal que o ácido carbónico livre predomina sobre o ácido carbónico combinado. A relação $\frac{H_2CO_3}{BHCO_2}$ eleva-se e o CH aumenta, rompendo assim o equilíbrio entre os iões ácidos e os iões alcalinos.

Au cours du métabolisme normal des graisses et des albumines, il se produit de l'acide Boxybutyrique et de l'acide diacétique, dont l'existence est transitoire et qui disparaissent, entièrement transformés en H_2O et CO_2 .

...Dans les états pathologiques cités plus haut les acides cétoniques continuent à se former, mais ils ne sont plus détruits ou ne le sont qu'incomplètement... ils passent donc en quantité plus du moins importante dans les humeurs et déterminent un état d'acidose. Les reins en éliminent une bonne part, les tampons du sang fixent le reste... Plus tard, les bicarbonates du sang s'épuisent et il en résulte une diminution de la réserve alcaline du plasma...; l'acidose est dite compensée. Enfin à une troisième phase, l'organisme a fait une telle déperdition de bases qu'il n'en a plus assez pour reconstituer les bicarbonates du plasma; l'acide carbonique libre prédomine sur l'acide carbonique saturé, le rapport $\frac{CO_2H_2}{CO_3BH}$ s'élève, l'équilibre entre les

É a acidose não gasosa descompensada. O estado é, então, gravíssimo, sendo iminente o coma.

As variações de alcalinidade do meio humoral influem por forma notável sobre todo um conjunto de actos fisiológicos:— é sobre o desenvolvimento das bactérias e a actividade dos fermentos (Sörensen, Bertrand, Rona, etc.); é sobre a hemólise (Kleemann); é sobre a contracção muscular (Bethe); é sobre o desenvolvimento do ovo (Schad¹), etc., etc.².

A própria constituição celular, a organização fisico-química do protoplasma, o equilíbrio coloidal da matéria viva, em suma, são de extrema sensibilidade à variação de alcalinidade do meio humoral...

Sempre que o equilíbrio ácido-básico tende a alterar-se, quer por viação do metabolismo íntimo da célula, com a consequente formação de substâncias ácidas ou básicas, normais ou anormais...

O mecanismo de acção visa essencialmente, como acabamos de ver, a manutenção invariável da relação entre o ácido carbónico livre e o ácido carbónico combinado. Se a compensação fôr completa, a concentração hidrogeniônica do sangue não sofrerá, portanto, qualquer modificação.

ions acides et les ions alcalins est rompu...; l'acidose est décompensée. Alors, l'état est grave, le coma est imminent.

... Ces variations (variations de alcalinité du milieu humoral) retentissent d'une façon déterminée sur en ensemble de propriétés physiologiques telles que le développement de l'œuf (J. Loeb); la contraction musculaire (Bethe) le développement des bactéries, l'activité des ferments (Soerensen, G. Bertrand, Michaelis, Rona, etc.), l'hémolyse (Stadler et Kleemann)...

La constitution même de la cellule et toutes les propriétés physico-chimiques qui en dépendent, en un mot l'équilibre colloïdal de la matière vivante, sont influencés par la réaction acide ou alcaline du milieu.

...la cause première des modifications réside dans une viciation du métabolisme íntimo de la cellule, dont la conséquence est tantôt une formation exagérée de substances acides où basiques, normales où anormales...

Ce mécanisme consiste dans le maintien d'un rapport constant entre l'acide carbonique libre et combiné du sang. Dans le cas où la compensation est complète, il ne se révèle pas par une modification anormale du p^H sanguin...

¹ Por erro de cópia o autor escreveu Schad em vez de Loeb.

² *Leia-se de baixo para cima...*

E sabe o leitor como é que o Sr. Carvalho mascara os plágios?

Colocando no meio das frases, e no princípio dos períodos estas palavras, de que estão repletos os seus artigos: **Em ordem a, de resto, na verdade, por sua vez, observação é digna de respeito, portanto, fora de dúvida, no entanto, no órgão, por consequência, absolutamente, com efeito, manifesta, indiscutível, a tal respeito, como acabamos de ver, ora, pois...**

*

* *

Tem tido um trabalho insano a catar os meus escritos. Vai à bibliografia que cito no fim dos meus artigos, procura as fontes de que me servi, e que eu próprio aponto ao leitor, e põe-se a comparar. Julga que desta forma se defende dos ridiculos plágios a que o amarrei.

No artigo: *O metabolismo basal: sua importância no diagnóstico do hipertiroidismo*, além de citar, numerosíssimas vezes, no texto, os autores a que recorri, trago, no fim, a menção das obras que me serviram de fontes, com este título: **Bibliografia consultada**. E lá estão, a págs. 15 e 16:

Marañon, G. e Carrasco, E. — « Sur la valeur clinique de la détermination du métabolisme basal ». *Ann. de Méd.*, n.º 2, 1923.

Stévenin, H. et Janet, H. — « Le métabolisme basal », *Ann. de Méd.*, n.º 5, 1923.

No artigo: *Bradycardia septal permanente num caso de ectasia da aurícula esquerda*, Mahaim vem citado no texto assim como o seu trabalho, a que recorri, na pág. 14, com o título: *Bibliografia consultada*. Não é bibliografia citada, mas sim *bibliografia consultada*:

Mahaim, J. — « De l'aneurisme primitif de l'oreillette gauche ». *Ann. de Méd.*, Vol. XXI, 1927.

O Sr. Carvalho ignora que a definição de metabolismo basal é uma noção convencional. *D'après la définition conventionnelle du métabolisme de base...* (E. Terroine et E. Zunz: *Le métabolisme de base*).

« Der Grundumsatz findet seine definition — escrevem Knipping e Kowitz — durch diejenige Calorienzahl, welche einem Organismus bei absoluter Muskelruhe und im nüchternen Zustand... ».

¿ Como ensinaria êle, durante seis anos, aos seus alunos de Prope-dêutica Médica a definição de metabolismo basal?

Comparemos a definição que vem no meu artigo (1927) com a de outra qualquer monografia posterior (1929 e 1930):

MARIANO CASTEX Y MARIO SCHELGART: *El metabolismo basal en la clínica* — Buenos Aires, 1929.

Llámesese, pués, «metabolismo basal» la cantidad de calorías gastas por un individuo en una hora e por metro cuadrado de superficie corpórea, estando en repouso absoluto y en ayunas 12 a 14 horas después de la última comida y a una temperatura agradable.

Vejamos outra definição de um livro de 1930 e comparemo-la com a do meu artigo que é 1927:

Eduardo Coelho: *O metabolismo basal: sua importância no diagnóstico do hipertiroidismo* — 1927:

Por estas expressões se designa, portanto em clínica, a quantidade de calor expressa em grandes calorías, produzida por hora e por metro quadrado de superficie do corpo quando o individuo está em completo repouso, em jejum de 14-16 horas, e numa atmosfera com uma temperatura média de 16°, suficientemente coberta para não ter de reagir nem contra o frio nem contra o calor do meio exterior.

Leia-se, agora, esta de Terroine e Zunz: «On entend d'habitude, en clinique, par cette expression, la quantité de chaleur, exprimée en grandes calories, produite par heure et par mètre carré de surface du corps, lorsque le sujet est au repos comptet, à jeun depuis quatorze ou seize heures,

EDUARDO COELHO, 1927.

Por estas expressões se designa, portanto, em clínica, a quantidade de calor, expressa em grandes calorías, produzida por hora e por metro quadrado da superficie do corpo, quando o individuo está em completo repouso, em jejum de 14-16 horas, e numa atmosfera com uma temperatura média de 19°, suficientemente coberto para não ter de reagir nem contra o frio nem contra o calor do meio exterior.

GILBERT DREYFUS: *L'Hyperthyroïdisme et son traitement* — 1930:

Le métabolisme basal est défini, rappelons-le, par le nombre de grandes calories que dégage en une heure et par mètre carré de surface corporelle l'organisme d'un sujet placé dans des conditions physiologiques données: à jeun depuis douze heures, étendu au repos dans une atmosphère à température moyenne (16° a 18°) et suffisamment vêtu pour n'avoir à réagir ni contre le froid ni contre le chaleur du milieu ambiant.

dans une atmosphère à température moyenne de 16°, suffisamment couvert pour n'avoir à réagir ni contre le froid, ni contre la chaleur du milieu extérieur.» (Le Métabolisme de base, pág. 83).

Compare o leitor e verificará que essa definição de metabolismo basal (que, *por definição* é assim mesmo) é igual, sem uma palavra a mais nem uma palavra a menos, à que vem no meu artigo. Podia dar a definição de Du Bois (Basal Metabolisme in Health and Disease) porque foi dos trabalhos americanos que partiu a noção convencional de «metabolismo basal»; ela sobrepõe-se inteiramente às que ficam transcritas.

No laboratório de metabolismo basal do Serviço de Patologia Médica, procuramos manter a temperatura a 16° e cobrimos o doente para não ter de reagir nem contra o frio (no inverno) nem contra o calor (no verão) do meio exterior...

Isto seria ridículo se não fôsse desgraçadamente alguma coisa mais.

Muitas vezes me viu o Sr. Carvalho determinar o metabolismo basal, mas nunca teve a curiosidade de saber o que era, e quais os seus fundamentos. Olhava mas não percebia.

Escrevi: «Todo o ser vivo dispende energia para a sua manutenção, que se pode calcular em calorías».

Então como queria o sr. Carvalho que eu disesse?

¿Poderia ter a estultícia de afirmar que Castex e Schteingart me plagiaram, ou a qualquer outro autor, quando escrevem em 1929:

«*Êste gasto de fondo, el Grundumsatz de los autores alemanes y el metabolismo basal de los autores americanos...*», se eu escrevi em 1927:

«...gasto de base do organismo, o metabolismo de base, ou basal metabolism dos americanos ou Grundumsatz dos investigadores alemães»?

É verdadeiramente deplorável que haja um homem assim que venha chamar plágios a essas definições.

No artigo, cujas definições e descrições relativas ao metabolismo procura o Sr. Carvalho comparar algumas linhas com as que escreveu Marañon, este autor é citado por mim *sete vezes* no texto:

Marañon é de opinião...

Refere Marañon...

No grupo designado por Marañon...

Nas chamadas neuroses vegetativas pseudo-hipertiroides de Marañon...

O mesmo acontece para as citações de Stévenin e Janet.

O confronto dos números relativos aos grupos de doenças, consoante as variações do metabolismo basal chega a ser de tamanha inconsciência que não resisto a comentar.

Escrevo: «...é aceita a classificação de Boothby, dividindo em três grupos as doenças consideradas sob o ponto de vista basal».

O meu trabalho é de 1927.

Em 1929, escreve Labbé (Le métabolisme basal, 1 vol.): «...Boothby a montré qu'on pouvait, en se fondant sur métabolisme basal, diviser les maladies en trois groupes...». Esses grupos são: «doenças com metabolismo

basal normal (entre + 10 e - 10 %); doenças com metabolismo basal elevado (superior a + 10 %); doenças com metabolismo basal diminuído (inferior a - 10 %). São estes os grupos escalonados por Boothby, é a divisão fixada por este autor, que ninguém pode alterar, quando pretende reproduzi-la fielmente.

No livro de Du Bois — *Basal Metabolism* — encontram-se os resultados das determinações do metabolismo basal efectuados por Boothby em diferentes doenças, que lhe permitiram dividi-las em função do metabolismo basal: com metabolismo basal elevado (acima de + 10 %); normal (entre + 10 e - 10 %); diminuído (abaixo de 10 %). Considerar plágio a transcrição dessa classificação admitida por Boothby, já não é só má-fé, é um produto de imbecilidade.

Quando eu escrevo: «obtemos assim um número que é uma constante fisiológica...», o Sr. Carvalho afirma que plagio de Stévenin e Janet.

Gilbert-Dreyfus escreve três anos depois: «la dépense calorique minime est constante...». «C'est ainsi qu'est née la notion d'une constante physiologique nouvelle...» (loc. cit.).

¿Saberá ele o que é «dépense calorique minima»? Nem sabe nem é capaz de a traduzir para português. E, todavia, o Estado pagou-lhe para que a ensinasse durante seis anos aos alunos...

«Les cœurs irritables», «les névroses pseudo-hyperthyroïdiennes», «les névroses végétatives», la névrose vaso-motrice», «les tachycardies de guerre» são expressões estampadas em qualquer livro onde se estuda o diagnóstico diferencial do hipertoidismo, e encontra-as o leitor, p. ex., no livro de Gilbert-Dreyfus. São noções que todos os anos ensino aos meus alunos. O que ensinará aos seus o Sr. Lopo de Carvalho?!

Vai ao I capítulo do meu livro — *Trombose das coronárias e infarto do miocárdio* — capítulo em que descrevo a «evolução dos nossos conhecimentos sobre a patologia do infarto do miocárdio» e põe-se a comparar os casos *históricos* de infarto desde as primeiras observações, com a descrição que apresenta Lian, no livro *L'angine de Poitrine*.

Chama-lhe «frases literalmente traduzidas» e se o leitor se deu ao trabalho de cotejar verificou que a redacção é inteiramente diferente. O que aqui se nota mais uma vez é a fraude, apanágio do psiquismo moral do Sr. Carvalho.

Quando escrevemos que Harvey relatou um caso de infarto com tais características, Elléaume outro caso com aqueles sintomas, etc., fazemos uma exposição histórica, sem critica, com a pretensão, apenas, de que a descrição esteja completa e resumimos o que o respectivo autor afirmou. Quando comparamos o capítulo da evolução histórica do infarto nas monografias que o contém só numa coisa temos que reparar: é se esse capítulo está completo, se abrange todos os casos da bibliografia e se os descreve fielmente. A descrição de cada caso é idêntica nas diferentes monografias.

Não posso comparar os passos que me apontou o ilustre folheteiro, com a descrição de outra monografia, porque não apareceu ainda nenhum livro,

após a publicação do meu, que contenha um capítulo sôbre a parte histórica do infarto do miocárdio. É para mim tão pouco importante êsse capítulo sôbre a *Evolução histórica do infarto do miocárdio*, que não aparece na minha monografia, editada em Paris, sôbre o mesmo assunto.

Não podendo comparar êsses passos do meu livro, arrancados pelo Sr. Carvalho, vou, no entanto, cotejar frases de Lian, transcritas pelo homem dos folhetos, com outro qualquer livro sôbre o infarto miocárdico. Tenho muito por onde escolher. Seja o livro dos argentinos Padilla e e Cossio. O espanhol é uma língua mais facilmente compreensível para o Sr. Carvalho, quando não lhe dá a gana de a deturpar com determinados objectivos.

Mas para que o cotejo seja mais fácil, vamos a outros livros franceses. Sejam, por exemplo, o de Boucomont e o de Yvon Delrous :

CAMILLE LIAN: *L'angine de poitrine*,
1932.

R. BOUCOMONT: *L'Infarctus du Myo-
carde*, 1929.

Passagens transcritas pelo Sr. Carvalho:

William Harvey a rapporté un cas clinique avec douleur, dyspnée, syncope.

Harvey décrit le premier un cas de rupture du cœur avec douleurs angineuses, dyspnée et syncope.

Elléaume (1857) établit que l'apoplexie cardiaque et le rammollissement sénile sont dus à l'athérome des artères coronaires.

Elléaume, en 1857... admet que l'apoplexie cardiaque et le ramollissement sénile du cœur sont causés par l'athérome des artère coronaires.

Ziegler (1887) décrit le ramollissement cardiaque dû à l'obliteration d'un rameau coronarien et la rupture du cœur qui en est la conséquence la plus fréquente.

Une vingtaine d'années plus tard (1887) Ziegler décrit...

le ramollissement cardiaque causé par l'obliteration d'un rameau coronarien. La rupture du cœur en est pour lui la conséquence la plus fréquente.

YVON DELROUS: *L'infarctus du Myo-
carde* — 1932.

Ibidem

Ziegler (1887) montre que le ra-

mollissement cardiaque est causé par l'obliteration des rameaux de l'artère coronaire et que la rupture en est la conséquence la plus fréquente.

WEIGERT, en Allemagne, HYPPO-
LIT, en France (1881-86)
confirment nettement les rapports
de cause à effet entre les lésions
coronariennes et les lésions myo-
cardiques.

WEIGERT, en Allemagne, HYPPO-
LIT, en France (1881-1886)
établisent des rapports de cause
à effet entre les lésions coronariennes
et les altérations myocardiques.

.....
Não vale a pena prosseguir.

Nenhum cardiologista francês, que conhece estes livros, os considerará plagiados; o de Delroux e o de Lian saíram da mesma fornada (1932). O Sr. Carvalho não conhecia o livro de Lian. Vejo a façanha: houve um espertalhão que para lhe agradar o foi levar, pressuroso. Perdeu o seu tempo, comprometendo o ilustre autor de panfletos picarescos. Tratava-se, além do mais, de um livro medíocre, pelas conclusões a que chega, o de Lian.

A descrição dos dois casos de Assmann (de dilatação acentuada da aurícula esquerda com saliência para a direita), que o Sr. Carvalho pretende aproximar do relato que faz Mahaim dos mesmos casos do professor de Clínica Médica de Königsberg, constitue um fenómeno de significado idêntico aos que acabamos de descrever. O folhetista foi procurar no fim do meu artigo, onde está: «*Bibliografia consultada*» e encontrou — **Mahaim, J.** — «De l'aneurisme primitif de l'oreillette gauche» — *Ann. de Méd.*, Vol. XXI, 1927.

Viu o nome de Mahaim citado também no texto, onde afirmo: «*Os casos publicados ultimamente por Ivan Mahaim documentam essa configuração teleradiográfica da aurícula esquerda.*»

§ Observou porventura as teleradiografias que Assmann reproduz na prancha I, fig. 3 (a meio e à esquerda da prancha) e a teleradiografia da Fig. 68 (pag. 72) com as disposições deste aspecto radiológico que dá Assmann a pag. 70 e 71?

Onde afirmo que *Assmann descreve dois casos de dilatação exagerada da aurícula esquerda, com saliência à direita, na doença mitral e num caso de insuficiência aórtica com insuficiência mitral*, deveria dizer que «Assmann descreve dois casos com pequena dilatação da aurícula direita, sem saliência para a esquerda, na doença aórtica, e um caso de doença mitral?!»

Mas é curioso que o meu artigo — *Bradycardia septal permanente num caso de ectasia da aurícula esquerda* — em que me acusa o Sr. Carvalho de

seguir Mahaim, quando cito os dois casos de Assmann, é o único trabalho português a que se refere Mahaim na sua obra notável — *Maladies organiques du faisceau de His-Tawara*. Não preciso de acrescentar nada mais.

¡Quantas vezes eu tenho seguido e citado Mahaim! Mas porque o *siglo* e cito, aproprio-me, porventura, das suas ideas ou das suas expressões literárias?!

A matéria é extensa. O folheteiro, enquanto os seus futuros afazeres mercantis o não ocuparem por inteiro, pode continuar a comparar descrições casuísticas, definições, doutrinas e teorias de outrem, que estão expostas nos meus artigos, na parte geral, antes de iniciar a parte original do trabalho, com as dos autores que cuidaram do mesmo assunto.

Só nas notas à *Société de biologie* é que não poderá tocar, porque nelas se expõe unicamente o resultado das investigações pessoais.

Insinua que na conferência pronunciada na Sociedade de Geografia pretendi, ao atacar o problema do conceito da propriedade definitiva da cátedra, expor uma idea pessoal e que a fui trasladar de outrem.

Escrevi: «O espírito de reforma que, neste momento, domina a Universidade da Europa e dos Estados-Unidos, tende para a organização dum novo estatuto do funcionário da Universidade, acabando com o conceito definitivo da cátedra». Expuz a seguir as bases concretas tais quais as descrevem alguns pedagogistas estrangeiros empenhados na reforma da Universidade.

Esse espírito de reforma existe já nas Universidades russas, em algumas Universidades americanas e pretendeu Fernando de los Rios impô-lo à Universidade espanhola, de acôrdo com outros altos espiritos do país vizinho. Marañon, na conferência intitulada — *Reflexiones sobre el presente y el porvenir de la Medicina* — afirmou já: «Una cátedra médica ó una sala de hospital deben conceder-se, con estricto rigor, al mejor dotado para desempeñarla; pero no como una sinecura perpetua, sino sobre la base de la obligation de contribuir, con horas fijas y con rendimientos fijos, al progreso de la Verdad, al bien de la enseñanza y de la humanidad dolente. Y si el contracto no se cumple, se substituirá al profesor o al clinico por otro capaz de cumplirlo mejor.»

O desenvolvimento desta doutrina, que constitue uma das partes mais importantes do espírito da reforma a que me referi na minha conferência, servindo-me dos argumentos de Marañon, Américo Castro e de Fernando de Los Rios, fê-lo o próprio Fernando de los Rios, quando ministro da Instrução, em entrevistas, em artigos e no Projecto de Reforma do Ensino Universitário apresentado às Côrtes Constituintes.

Não tinha que citar um artigo anónimo que publicou a «Revista Médica de Barcelona», no qual se fazia a propaganda das ideas que Fernando de los Rios defendia — doutrina já adoptada noutras Universidades europeias e em Universidades americanas — tinha e devia citar a fonte de que se serviu a *Revista* para amanhar o artigo — o próprio

Fernando de los Rios. Foi o que fiz a pag. 28 da minha conferência, nomeando-o no próprio texto, a propósito da triplíce finalidade da Universidade (centro de cultura, instrumento de preparação profissional, criadora da investigação científica). É que, segundo Fernando de los Rios, para que a Universidade exerça a triplíce função carece de tomar por base a organização do novo estatuto do funcionario da Universidade que representa « um retorno a relaciones privadas *contractuales* y no instucionales en el sentido moderno » acabando-se com « *las vinculaciones permanentes.* » A exposição é de Fernando de los Rios, mas o sr. Carvalho desconhece-a, como ignora todos os problemas de cultura.

Plágio na idea?! Essas ideas não são minhas, disse-o de entrada. Propunha, apenas, a sua introdução na Universidade Portuguesa.

Plágio na fôrma literária?! Não têm forma literária êsses periodos que o folheteiro de « mercadorias » transcreve.

Plágio da forma literária é p. ex. o que êle faz, subtraindo aos escritos de Augusto Rocha os pedaços de recorte literário da sua prosa, apodegando-se da propriedade literária alheia.

O campo é largo para as pesquisas do Sr. Carvalho. Pode continuar com as fraudes e com as deturpações. Eu sigo o meu caminho.

Supõe êste folhetista que assim se liberta das acusações da minha réplica! Mas só plagia, êste homem?

Não. Vai mais longe: procede com *desonestidade científica*.

Escolha-se um exemplo dentre muitos. Pega num artigo de Rolland, lança-lhe a mão às conclusões, às quais chama — *conclusões a que êle* (Lopo de Carvalho) *chegou pelo simples raciocínio*. Toma as hipóteses de Rolland como se fôsem suas e nem sequer o cita. De todos os plágios que a sua arremetida folheteira me obrigou a trazer a público é êste o de mais grave significado moral.

LOPO DE CARVALHO: O modo de acção do pneumotorax artificial — *Lisboa Médica*, n.º 12, 1934.

J. ROLLAND: Évolution des lésions dans le poumon collabé. — *Ann. de Méd.*, vol. XVII, pág. 355.

Parece, portanto fóra de dúvida, que o pneumotórax actua sobretudo, favorecendo a formação lenta e progressiva de tecido fibroso.

Il semble, et c'est en somme la conclusion à laquelle nous arriverons avec Lindblom ¹, que le pneumotorax agisse surtout en favorisant le développement lentement progressif des processus scléreux.

¹ O normando é meu.

A conclusão a que chega Rolland, de acôrdo com Lindblom, toma-a, sem mais nem menos, pelo sr. Lopo de Carvalho como sua!

Contradizem-se no entanto, as opiniões sôbre a natureza dessas perturbações (perturbações circulatórias do pulmão colapsado) ¹.

Dizem uns que o pulmão colapsado é sede de congestão passiva, outros que... provoca acentuada anemia...

O pneumotórax estanca, com efeito, as hemorragias pulmonares, tão rápida e radicalmente como as laquiações dos vasos que sangram ².

Era mais natural que a facilitasse, como qualquer atadura elástica colocada na raiz de um membro, durante uma sangria, facilita o escoamento do sangue pela incisão da veia.

Se a insuflação pleural desse lugar à hiperémia pulmonar por estase venosa...

...la question do régime circulatoire du poumon collabé est encore controversée...

...les uns disant que le poumon collabé est le siège d'une congestion passive, les autres qu'il est le siège d'une anémie marquée...

...le collapsus pulmonaire arrête ces hémoptises immédiatement, aussi rapidement e aussi radicalement qu'une ligature arrête l'hémorragie d'une plaie vasculaire.

Elle devrait au contraire accroître cette hémorragie au lieu de l'arrêter. comme la bande élastique placée à la racine dun membre au cours d'une saignée, augmente au lieu de l'arrêter l'écoulement sanguin qui se fait plaie veineuse.

Si l'insuflation pleurale entraînait comme conséquence habituelle la stase sanguine passive...

¹ Leia-se de baixo para cima.

² Haverá hemorragias dos vasos que não sangram ?!

Difícil seria, na verdade compreender a sua acção tão brilhante sobre a paragem duma hemorragia do parenquima ().*

On comprendrait mal qu'il le pût agir d'une façon aussi radicale sur une hémorragie pulmonaire.

Esta conclusão, a que chegámos pelo simples raciocínio, encontra, de resto, comprovação nas conhecidas experiências de Hilton¹, feitas no serviço de Rist e de Fraser, sobre a determinação quantitativa do oxigénio existente no sangue arterial dos doentes pneumotorizados.

...nous pouvons tirer en faveur de cette hypothèse (a hipótese é de Rolland) des conclusions plus frappantes encore des études si intéressantes que M. Hilton² a faites, ces années dernières, dans le service de notre maître E. Rist sur la teneur en oxigène du sang artériel des malades porteurs de P. A.

¹ Hilton. — La teneur en oxigène du sang artériel dans la tuberculose pulmonaire et au cours de pneumothorax artificiel.

Ann. de médecine, T. xvii. Avril, 1925.

² Hilton. — La teneur en oxygène du sang artériel dans la tuberculose pulmonaire et au cours du pneumothorax artificiel.

Annales de médecine, Avril, 1925: p. 322.

À hipótese de J. Rolland chama o Sr. Lopo de Carvalho «*esta conclusão a que chegámos pelo simples raciocínio*»! Será este o ensino que esse homem ministra aos seus discípulos?! Transmitirá aos seus alunos estas atitudes morais?! Já é mais do que plágio, é **carência de probidade científica.**

*

* *

Eu podia completar e avivar ainda os traços e aleijões psicográficos do Sr. Carvalho, mostrando que os trabalhos que ele chama originais estavam feitos por outros, que, onde diz ter chegado a determinadas conclusões, estas são de outrem; vem tudo do fonógrafo.

Copia sem o mais leve decôro; conclue sem seriedade científica.

Mas quê! Quem plagiou Augusto Rocha, no cartaz intitulado O Pro-

(*) *Acção sobre a paragem da hemorragia ou sobre a própria hemorragia?!*

blema da Tuberculose, não foi o sr. Carvalho: foi o empregado da Assistência Nacional dos Tuberculosos! Quem plagiou, na conferência pronunciada na Sociedade de Geografia, foi o redactor do *Diário de Notícias!* Os culpados dos plágios da conferência que proferiu no Instituto Rocha Cabral foram os colegas que citaram o Aristóteles e o Galeno! Os autores dos plágios dos seus artigos são os seus colaboradores! Assim o afirma e jura, Foje às responsabilidades.

Dê as voltas que quizer. Os cotêjos flagrantes que fiz e as pieguices e insídias com que se defende, amarram-no para todo o sempre ao pelourinho do ridículo.

E continue na faina dos folhetos. Êles constituem a sua segunda natureza, que fazem sobresair a primeira. Tem que viver com essa ve-sânia.

II

O «gabinete de physio-patologia» que o Sr. Carvalho diz ter criado para me oferecer

Diz que criou no seu serviço um gabinete de physio-patologia onde eu «pudesse trabalhar» e «proceder» aos meus «estudos de investigação» e acrescenta: «Durante dois annos consecutivos, tôdas as dotações que consegui para o serviço que dirijo, tanto da Junta de Educação Nacional como da Faculdade, foram destinados a apetrechar o melhor que pude êsse laboratório...» *«Criei-lhe é bom que se saiba...»* (1). Vai agora saber-se o que criou o Sr. Lopo de Carvalho.

Quando, em 1927, entrou para o Hospital de Santa Marta e tomou conta do Serviço de Propedeutica, já existia êsse laboratório, então dependente do Serviço de Patologia Médica — era o *laboratório de electrocardiografia*. Aí trabalhava eu desde 1925. O Sr. Lopo de Carvalho conseguiu, por deferência especial do Director do Serviço de Patologia Médica, que o gabinete ficasse anexo ao serviço de Propedeutica e eu continuei nêsse laboratório em condições idênticas às anteriores.

O que êle criou foi o título de «gabinete de physio-patologia», acrescentando ao laboratório de electrocardiografia, para justificação do rótulo, um aparelho de metabolismo basal, adquirido por minha indicação. Que ajuntou mais com «*tôdas as dotações que conseguiu*» da Faculdade e da Junta de Educação Nacional? O aparelho de Frank para flebogranas que nunca cheguei a utilizar e um aparelho de respiração artificial. Mas eu empregava um outro que o Prof. Gondim (da Escola de Medicina Veterinária) me emprestara e do qual dispunha para tôdas as minhas experiências.

(1) O itálico é meu.

Muitas vezes falei ao Sr. Carvalho na vantagem que tinha o Serviço de Propedeutica em possuir determinados aparelhos. Se alguns se adquiriram, representa esse facto um favor à minha pessoa ou a um serviço prestado à sua clínica hospitalar? As investigações que efectuei nesse laboratório eram principalmente de electrocardiografia experimental e o aparelho de que me servia já existia quando o Sr. Carvalho tomou conta do Serviço.

Afirma que tôdas as dotações que conseguiu durante dois anos consecutivos para o Serviço de Propedeutica foram destinadas à compra de aparelhos para o laboratório de fisiopatologia. Se houve mais dinheiro, sumiu-se certamente para outros laboratórios...

Para a aquisição do aparelho de respiração artificial auxiliou-me a Junta de Educação Nacional e especialmente o Prof. Simões Raposo, seu secretário geral. O meu pedido ao Prof. Simões Raposo teve por base não só os meus trabalhos de investigação mas ainda o facto de ser, então, bolseiro da Junta. Por isso se obteve o aparelho. O outro material foi-me fornecido pelo Director do Hospital. Consegui assim *peçoalmente* o *oncómetro de Schade* e um aparelho para fotografar os capilares. Estes últimos foram adquiridos na ocasião em que o Sr. Carvalho acabava com o laboratório e passaram logo para o Serviço de Patologia Médica.

Mas o seu fim não era apetrechar o laboratório, destinando-me novos recursos de trabalho. O fim era outro: interessava-lhe o laboratório bem montado para reproduzir as fotografias dos respectivos aparelhos nos aparatosos relatórios (plagiados do relatório do Prof. Pulido Valente) publicados na *Lisboa Médica*, salientando que a sua clínica hospitalar era o primeiro Serviço de clínica da Faculdade de Medicina. Não o preocupava a utilidade dos aparelhos mas só a megalomania. Vive de aparências. Aquela vaidade balôfa, encoberta por uma modéstia postiça, é assim em tudo.

É curioso notar que esse laboratório serviu sempre tôdas as clínicas, antes e depois do Sr. Carvalho lá entrar, menos a clínica que êle dirigia, porque o seu serviço, moderno como era, e utilizando todos os recursos laboratoriais, nunca precisou nem de electrocardiogramas, nem de exames de metabolismo basal!...

Mas o título de gabinete de fisio-patologia acabou há quatro anos, porque, segundo êle afirmava, eu era absorvente e não permitia que os outros lá fizessem trabalhos! O aparelho de metabolismo basal passou para a Cadeira de Patologia Médica, e o de electrodiografia ali ficou como último abencerragem a desafiar os investigadores que a minha presença afastara. Pois bem; os investigadores passaram a ter entrada livre (*sempre a tiveram liberrima!*) e a investigação científica foi de tal modo assombrosa... que ficou em **zero**. Não por falta de investigadores, mas porque se tratava de uma invenção do Sr. Carvalho. Foi essa uma das primeiras insídias que me assacou este homem.

Nesse laboratório existe ainda hoje o electrocardiógrafo e ficou assente,

quando êle acabou com o titulo que *criara*, que o aparelho era pertença das três clínicas médicas e que lá podiam trabalhar todos os assistentes dos respectivos serviços. E eu lá continuei nas horas vagas, às vezes já noite, quando o gabinete estava abandonado. Pois o Sr. Lopo de Carvalho, que tanta generosidade vem apregoar, que tanto fala nos meus ódios, nos meus rancores e nas minhas invejas, encarregou, há semanas, um amigo comum de me transmitir **que me era proibida a entrada nesse laboratório**, que não pertence unicamente ao seu serviço onde se encontra acidentalmente por falta do salas!

Por vingança pretende arbitrariamente tirar-me os meios de trabalho a que me dá direito o lugar que ocupo no Hospital Escolar.

Isto é que « *é bom que se saiba* » para se apreciar o ódio que preside às decisões d'este homem.

E sou eu o rancoroso?!

Como se vê, o Sr. Carvalho é, no relato dos factos, o mesmo que nas transcrições das frases dos meus trabalhos em que exponho uma doutrina que me não pertence ou descrevo a parte bibliográfica do assunto que vou tratar: altera tudo, por confusão, ódio e má fé.

Com efeito, foi êle quem propoz ao Conselho da Faculdade a minha nomeação para chefe do laboratório de physio-pathologia. Deram-me, assim, uma situação de direito, que eu já tinha de facto. Foi apenas um titulo que nada acrescentou às funções que ali desempenhava antes e depois do Sr. Carvalho se apoderar do Serviço de Propedeutica.

Solicitei-lhe alguma vez êsse titulo? Pedi-lhe o quer que fôsse dentro ou fóra daquela laboratório? A tal cornucopia de favores que o Sr. Carvalho atira para público, a que se reduz, então? Limita-se, sem dúvida, a um favor que me quiz prestar, sem qualquer solicitação ou sugestão, mas por outros motivos que não vale a pena aqui apontar, e que eu recusei terminantemente, do que resultou — soube-o depois — começarem ali as suas antipatias. Chamou-me um dia e disse-me que ia propôr a Conselho da Faculdade de Medicina para me contratarem professor auxiliar de Medicina interna. Respondi-lhe que não aceitava êsse *favor*, que eu não solicitára, porquanto não era êsse o caminho que me competia trilhar para entrar na Faculdade de Medicina. Não gostou da resposta e considerou-se ferido.

III

O voto do Sr. Carvalho no meu concurso e os meus trabalhos de investigação

Deve constituir caso único nos anais da Universidade que um professor que foi argüente e membro do júri num concurso, venha discutir agora os méritos científicos de um candidato e o seu voto de aprovação.

No primeiro folheto recordava já a sua critica de concurso e falava da «leviandade» com que fiz e escrevi alguns dos meus trabalhos. Agora vai mais longe:

Primeiro, afirma que a minha produção científica nada vale. Além disso, porque na parte bibliográfica eu sigo a respectiva bibliografia; nas descrições das teorias e doutrinas eu acompanho os diferentes autores que cito; porque dou as definições de determinada matéria consoante vem repetida em tôdas as monografias, conclue que plágio descrições e definições. Segundo, que no meu concurso, me deu o voto por favor.

Foje para êste campo, que lhe era vedado pela sua situação de argüente e de juiz dentro da Faculdade, para evitar as consequências da acusação que eu lhe fizera sôbre os seus plágios.

Porque a questão é esta — repita-se mais uma vez —: O Sr. Carvalho vem a público jurar que não plagiou Augusto Rocha e que sou caluniador. Tive de replicar e demonstro que o Sr. Carvalho plagiára cinco vezes um discurso de Augusto Rocha. Nas frases plagiadas a esmo repeti-as de artigo para artigo, supondo que escrevia ou pronunciava frases diferentes, e eram afinal sempre as mesmas. São assim a fala e a grafia de certos afásicos. Provei ainda que tôda a obra científico-literária do Sr. Carvalho é constituída por plágios e por cópias alheias.

A minha demonstração ficou de pé. Por isso, procura a sua defesa na retaliação, afirmando numa arremetida feroz, que os meus trabalhos científicos nada valem e que o seu voto no concurso me foi dado por favor.



Mais de um ano decorreu sobre esse concurso e eu procurei esquecer os factos lamentáveis de que o envolveu o Sr. Carvalho. Não pretendia discuti-los. Desde o principio desta questão esqueci também que o Sr. Lopo de Carvalho pertence ao corpo catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa. É elle que, para esconder as vergonhas da sua posição na polémica, vem encobrir-se com as funções professorais para, por traz delas, me desprestigiar como trabalhador e como candidato.

Tenho de encarar as duas faces desta outra questão que o meu adversário me levanta, porque seria covardia deixar sem resposta afirmações que, embora caracterizem por completo a sua etopsicologia, são uma traição inconsciente à situação official que este homem ocupa.

1.º *Os meus trabalhos de investigação.*

Não tem o mínimo valor os meus trabalhos e incluía-os na colectânea que o seu serviço publicava todos os anos? Então os meus artigos que nada valem podiam acompanhar os outros que o Sr. Carvalho retinha em volume, se a sua companhia os desprestigiava? Para que os juntou ao seu *Recueil des Travaux de Clinique et de Laboratoire*?

São tão destituídos de mérito e elle amuava e sentia-se ofendido quando, por esquecimento, eu não escrevia no alto da primeira página o seu nome para dar ao público a impressão (sempre a mentira!) de que as investigações eram feitas sob sua direcção?

Então não valem nada e um dia afirma-me, naquele célebre laboratório de fisiopatologia, que os meus trabalhos de investigação eram a garantia segura da minha entrada para a Faculdade? E acrescentava muitas outras cousas... que não reproduzo porque se não podem documentar. Se aquelas paredes possuissem a memória e a faculdade ecológica do Sr. Lopo de Carvalho reproduziriam também em eco e textualmente o que então ouviram.

¿ Quando é que falava verdade? ¿ Quando me fazia essas afirmações ou nas que agora traz a público, levado pelo ódio?

Devem ser os tais «sentimentos» a que elle próprio se refere quando é obrigado a retratar-se, e que num dia o levam a falar e emitir juízos graves de maneira diversa consoante a hora e a conveniência.

Não valem nada os meus trabalhos, mas elles são citados, comentados, e alguns até *retomados* por clinicos de categoria mental bem diferente da do Sr. Carvalho.

Vou apontar ao acaso:

No *Ergebnisse der gesamte Medizin*, n.º 3, vol. 18, 1933, transcrevem-se vários passos do meu estudo sobre as perturbações cardíacas na doença de Basedow e aceitam-se os resultados das minhas investigações.

As conclusões do trabalho sobre as «Indications opératoires du goître exophtalmique» são adoptadas pelo Prof. M. Labbé.

Este mesmo professor, ao estudar a acção da glândula tiroideia no

metabolismo das proteínas, confirmou os resultados das minhas investigações feitas anteriormente.

Vila, no volume «Ricambio Idrico» (Milano, 1932), da Clínica do Prof. Ferrata, aceita as conclusões dos meus estudos sobre o mecanismo da poliúria na diabetes insípida.

As investigações sobre a relação entre a secreção interna e externa do pâncreas foram repetidas e confirmadas no serviço do Prof. Urrutia, de Madrid.

O Prof. Battro, da Argentina, confirmou as conclusões dos meus trabalhos sobre o infarto miocárdico experimental (*Síndrome de oclusion coronária, 1 vol, 1930*).

Na lição de abertura da cadeira de Pathologia médica da Faculdade de Medicina de Paris, o Prof. Clerc cita e aceita os resultados das minhas experiências sobre o electrocardiograma na angina pectoris e sobre o infarto experimental (*Problèmes actuels de Pathologie medicale, 1.º vol.*).

As conclusões a que cheguei sobre as anomalias electrocardiográficas do derrame experimental e clínico do pericárdio foram acatadas pelo Prof. Clerc, na *Société Médicale des Hôpitaux*, de Paris, que numa das sessões dessa agremiação apresentou e discutiu o meu trabalho.

Clerc, Deschamps, Paris e Sterne retomaram as minhas investigações sobre a determinação da densidade na hipertensão arterial (Soc. Med. des Hôp. de Paris, 1933).

O artigo *Bradycardia septal permanente* é transcrito *in toto* no artigo que Géraudel publicou nos *Archives des Maladies du Cœur* (1933), e também citado e comentado num trabalho de conjunto da «Klinische Wochenschrift» do mesmo ano, e ainda noutro de Franco («Rinascenza Medica»).

As conclusões do meu trabalho sobre o Angioxil foram confirmadas por mais de um autor e numa tese da Faculdade de Medicina de Buenos-Ayres em 1931 (de E. Ymaz).

As investigações sobre a acção da ergotamina no coração (estudo electrocardiográfico) foram confirmadas por J. Walawski e Rasoll, de Varsóvia (*Congrés de Cardiologie, Praga, 1933*).

A hipótese de trabalho que defendi acerca do diagnóstico da degenerescência miocárdica latente, pela inversão da onda T do electrocardiograma, após a dedaleira, foi aceita por diferentes autores e confirmada por Duclós (*Arch. de Card., 1933*).

As investigações acerca da acção da dedaleira sobre o electrocardiograma foram confirmadas por Blumenfeldt e Strauss (*Zeitr. f. inn. Med., 1931*) Bráms, Scherf (Vidé: Lopez Brenes, F. Montverde: Estudio electrocardiográfico de las enfermedades del corazon, 1934).

No tratado de doenças renais de Volhard (*Die doppelseitigen hämatogen Nierenerkrankungen, 1931*), o melhor tratado de doenças do rim, o único trabalho português que nele figura é meu.

Na monografia de G. W. Parade—«*Die arterielle Blutversorgung des Herzens und ihre Störungen*», in *Ergebnisse der Inneren Medizin*

und Kinderheilkunde, vol. 45-1933—há referências aos meus trabalhos experimentais sobre o infarto do miocárdio, que aparecem também no livro de Yvon Delrous sobre « *L'Infarctus du Myocarde* »—1932. O meu artigo « Contribution à l'Etude physico-chimique du sang dans les maladies des reins » e os resultados das minhas experiências sobre a Patogenia da nefrose lipoide que publiquei no « *Zentralblatt für innere Medizin* » são aceites e discutidas pelo prof. Frugoni, de Roma, nas suas « *Lezioni di Clinica Medica* », 1 vol. Roma, 1934, e discutidas foram as minhas investigações sobre a Patogenia da nefrose lipoide por Antoine Codounis in « *Protidémie et la pression osmotique des protides* » 1 vol. 1934.

Morelli transcreve e adopta os resultados dos meus trabalhos sobre o infarto miocárdico (*Archivos Uruguayanos de Medicina*, 1923).

No tratado francês de doenças do coração—*Coeur et Vaisseaux*, 2.º vol. 1933—nomeiam-se algumas das minhas experiências e aceitam-se as minhas conclusões.

Nas *Lecciones de Patologia Medica* do Prof. Gimenez Diaz, de Madrid, recentemente publicadas, 1.º vol., 1934, são perfilhadas algumas das conclusões a que cheguei, sobre as modificações electro-cardiográficas no bócio exoftálmico e no mixoedema.

No livro *Estudo electrocardiográfico de las enfermedades del corazón*, Madrid, 1934, do serviço do Prof. Gimenez Diaz, que é uma das figuras mais notáveis da medicina europeia, quantas vezes se citam os meus pobres escritos! Assim, por exemplo, a pags. 248, diz-se: « Las conclusiones de Coelho son tambien definitivas a este respecto. » A pags. 351: « Los derrames pericárdicos enquanto que no determinan rotación del corazón, no cambian la situación del eje eléctrico con respecto al plano de las derivaciones, y, portanto, no determinan curvas de predominio, como ha observado Coelho en sus casos. »

Transcrever as pags. 403, 404 e 405 seria expôr as minhas investigações sobre a acção da dedaleira no electrocardiograma. Não são citações na bibliografia apenas; são intercalações no texto, por vezes, com grande desenvolvimento das minhas pesquisas.

Vejam, para pôr ponto neste *moi haïssable* que infelizmente eu tenho que trazer à colação para defeza dos meus humildes trabalhos espesinhados pelo sr. Carvalho, a critica mais recente ao meu último livro. Foi publicada há dias nos *Archives des Maladies du Cœur* :

« *Ed. Coelho. — L'Infarctus du myocarde. Étude expérimentale, electrocardiographique et clinique* (1 vol. 212 pages., 103 figures. Masson, edit. Paris, 1934.

.....

Voici que Coelho, de Lisbonne, nous apporte une importante contribution personnelle qui mérite de retenir l'attention de nos lecteurs.

Après avoir rappelé l'anatomie de la circulation coronaire, l'auteur reprend l'ex-

posé des expériences poursuivies sur l'animal, tant par la technique des ligatures coronaires que par celle des zones de nécrose myocardique consécutives à l'injection de solutions caustiques, ou par la technique des embolies par poudre de licopodes.

Le protocole des nombreuses expériences personnelles de l'auteur nous a spécialement intéressé: une première série de recherches a eu pour but d'établir une relation entre les modifications électrocardiographiques, l'importance de l'artère ligaturée et l'étendue de l'infarctus, ensuite de vérifier si les modifications électrocardiographiques variaient de région en région et si, de la sorte, un diagnostic topographique de l'infarctus était possible. Ceci a fait l'objet de 82 expériences. Voici les points essentiels qu'on peut en dégager:

La ligature du tronc de la coronaire gauche provoque la fibrillation ventriculaire, celle de l'artère interventriculaire antérieure se traduit sur l'électrocardiogramme par des troubles divers en rapport avec le niveau de la ligature: extrasystoles ventriculaires, tachycardie ventriculaire et fibrillation. Tout au début de l'expérience l'onde T prend l'aspect caractéristique en dôme de l'onde de Pardee.

L'artère circonflexe et l'artère interventriculaire antérieure liées séparément donnent lieu également à la fibrillation ventriculaire.

Pour la coronaire droite, la ligature du tronc à l'origine, difficile à réaliser, ne fait pas apparaître immédiatement la fibrillation, l'onde T n'est pas régulièrement augmentée, la ligature de tous les rameaux descendants ne donne lieu qu'à la formation d'extrasystoles ventriculaires droites et à une inversion marquée de T sans que la mort soit consécutive à l'expérience.

L'auteur vérifie que la section des nerfs vago-sympathiques cervicaux, droit et gauche, n'altère pas l'électrocardiogramme et qu'elle n'empêche ni ne change les modifications électrocardiographiques de la ligature des coronaires.

Les injections de substances caustiques dans les ventricules amènent des modifications très importantes de l'onde T: d'abord onde coronarienne, puis après 30 à 60 minutes T négatifs et fibrillation ventriculaire. A signaler qu'après destruction d'une partie importante du ventricule gauche, l'œdème pulmonaire aigu apparaissait chaque fois. Dans la région de la pointe les modifications de l'onde T sont encore plus accentuées.

Par contre, la nécrose de la région de la cloison donne des tracés typiques de dissociation auriculo-ventriculaire, de blocage des branches et de tachycardie ventriculaire.

L'embolie de la coronaire gauche est assez minime au point de vue électrocardiographique de la ligature.

La morphologie des complexes, au cours de l'oblitération expérimentale des coronaires, est instructive pour le diagnostic topographique:

Les modifications de forme et de voltage de P. sont sans rapports avec l'expérience.

L'onde n'apparaît pas augmentée dans aucune des trois dérivations.

D'une façon générale l'obstruction d'une branche importante de la coronaire gauche produit une élévation anormale de T qui devient ensuite négative.

L'occlusion de la coronaire droite met en évidence une négativité accentuée de T.

La destruction de la cloison ventriculaire provoque l'allongement de Q. R. S. avec échancreures en R. ou en S., aspect typique du blocage des branches ou des arborisations.

Les troubles du rythme nés de ces occlusions coronariennes sont, par ordre de fréquence, les extrasystoles, la dissociation auriculo-ventriculaire, le rythme nodal, qui reste rare.

Ces extrasystoles précèdent souvent la tachycardie ventriculaire, d'abord paroxystique, puis permanente, enfin la fibrillation.

Coelho interprète les altérations de l'électrocardiogramme comme dépendant surtout de l'étendue de l'infarctus mais dépendant aussi de la topographie de la région ischémisée, ou plus exactement de sa valeur physiologique. Il est évident que la valeur physiologique de la région (cloison, pointe) a une grande importance dans le

déclanchement des troubles du rythme et de l'altération de la forme du tracé, pour la survie du cœur ou sa mort immédiate.

L'auteur nie l'existence de zones muettes du myocarde ventriculaire, dans le sens où Condorelli l'entend.

.....

Suivent 28 observations de malades avec beaux tracés électrocardiographiques et une nécropsie.

Coelho donne le résumé de chaque observation, puis donne le pourcentage de ces cas pour chaque symptôme considéré. Il tente un essai de localisation de l'infarctus qui se différencie des idées émises par Parkinson et Bedford et par Padilla et Cosio. Il distingue trois formes électrocardiographiques de localisation :

Lorsque la lésion se trouve à la base et à la face postérieure, la convexité du dôme de la ligne RT ou ST est tournée vers le bas en DI vers le haut en DII et DIII.

Si l'infarctus se trouve à la pointe et à la face antérieure, la convexité du dôme de la ligne RT ou ST est tournée vers le haut en DI et DII et vers le bas en DIII. Les autres types électrocardiographiques de l'infarctus : blocage des branches, dissociation auriculo-ventriculaire et tachycardie ventriculaire appartiennent à la localisation septale.

Tels sont les principaux points de cette étude bien conduite, solidement établie sur des faits expérimentaux et cliniques personnels.

.....

A minha dissertação de concurso que aparece nos folhetos com uma *mordedura lupiana* foi assim apreciada nos *Annales de Medicina interna*, dirigidos por Pittaluga, Marañón, Jimenez Diaz, Lafora — dou, apenas, um extracto.

COELHO. — *Trombose das coronarias e infarto do miocardio*. — Bertrand, Lisboa 1933, 211 pág., 104 figuras.

Entre los valiosos trabajos que recientemente han aparecido sobre el interesante tema del infarto del corazón nos llega hoy la obra del profesor portugués. No nos ha sorprendido, porque era en cierto modo esperada; ni es nuevo el nombre del doctor Coelho, ni son nuevas sus actividades sobre esta cuestión, pues durante estos últimos años hemos visto aparecer frecuentes trabajos en revistas portuguesas y francesas que acreditan su constante labor sobre fisiología e patología circulatoria.

.....

El análisis des estos resultados (parte experimental) y su aplicación à la patologia humana constituyen un apartado de sumo interés.

.....

É o Sr. Lopo de Carvalho quem traz o libelo contra os meus trabalhos? Dar-lhe-hão os seus autoridade para o fazer?

A cada passo, no meio das suas publicações de pseudo-investigação científica, topamos com frases deste jaez :

« Estamos ainda na fase inicial de um novo processo » ; « Estamos procedendo a êsse estudo em ordem a (sic ; que português !) contribuir para a solução do problema », etc., etc. E nem tem novos processos, nem resolve qualquer problema biológico. Tudo produto de uma megalomania que lhe esquent a cabeça vazia. São frases estenografadas que o fonó-

grafo reproduz, porque as fontes dos seus escritos, que êle depois alinhava e amanha, cortando daqui e dalém, são umas fôlhas amarelas que publica todos os meses a *Presse Médicale*.

2.º O seu voto de favor.

Já antes da publicação dos folhetos, o Sr. Carvalho fazia correr por diferentes pessoas que eu lhe era devedor de muitos favores. Mas no folheto desmacara-se por inteiro.

O público médico, a Associação dos Médicos que tem por finalidade defender os interesses materiais e morais da nossa classe, a Faculdade de Medicina e o Ministro da Instrução ficam sabendo, depois da publicação do folheto, que há um professor na Universidade de Lisboa, o Sr. Fausto Lopo de Carvalho, *que dá votos por favor*.

Isto é muito grave.

O que dirá o senado Universitário?

Qual a situação moral dêste homem no Conselho da Faculdade de Medicina depois desta declaração?

Pode, por ventura, participar de juris de exames ou juris de concursos ou de quaisquer votações da Faculdade, um homem que confessa que vota sem espirito de justiça?

Tal afirmação exautora-o perante o conselho da Faculdade, o Ministério da Instrução Pública, a Associação dos Médicos, e perante a classe inteira.

Se houvesse uma Ordem dos Médicos, êste professor não podia continuar a exercer as funções de juiz. Pois idêntica é a missão de um juiz perante um tribunal; idêntica a indignidade que comete se a sua sentença não é imparcial e justa.

¿ Mas quem lhe pediu o seu voto? ¿ Alguma vez lho solicitei? ¿ Supõe que foi pelo seu voto de favor que o Conselho da Faculdade me aprovou?

Não tenho situações de favor e até me escusei à que me ofereceu o Sr. Lopo de Carvalho, propondo-me fazer com que a Faculdade me contratasse para professor auxiliar da Faculdade.

Vem dizer que votou por favor, êste homem que ocupa uma situação social... *por favor*; mas para a obter — «é bom que se saiba» — teve que se retractar das injúrias que assacou à Faculdade de Medicina.

Eis o homem tal qual se apresenta nos diferentes aspectos da sua biologia psíquica. Já não são só as anomalias psicográficas que analisei na primeira réplica. Não se trata apenas do fonógrafo e dos discos que compõem o seu cortex cerebral. Mentalmente é só isso. Mas sob o ponto de vista da produção científica, e pedagógica não possui seriedade, a *honestidade científica*, sem a qual não ha trabalho que mereça. E sob o ponto de vista moral, falham-lhe os escrúpulos — os folhetos constituem a demonstração flagrante.



ÍNDICE

I—O HOMEM DOS FOLHETOS E DOS PLÁGIOS . . .	Pág. 5
II—O GABINETE DE FISIOPATOLOGIA QUE O SR. CARVALHO DIZ TER CRIADO PARA ME OFERECER. . .	» 27
III—O VOTO DO SR. CARVALHO NO MEU CONCURSO E OS MEUS TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO. . .	» 31



RÓ
MU
LO



1329687788

CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA

THE UNIVERSITY OF CHICAGO